
A COISALIDADE DA COISA E A QUADRATURA EM MARTIN HEIDEGGER

José Vander Vieira*

Resumo:

Este artigo busca estudar as noções de quadratura e coisalidade no caminho de pensamento de Martin Heidegger. Quando menciona os termos em suas conferências pronunciadas a partir dos anos de 1950, Heidegger não deixa claro o que queria dizer, não conceitua os termos de forma definitiva, se contentando em meditar a respeito, indicando ou apontando o seu acontecimento. Assim, nosso intento é pensar com o autor acerca da coisalidade da coisa e sobre o acontecimento da quadratura, buscando tal meditação e indicação proposta por Heidegger, com vistas a ganhar uma compreensão mais ampla do que ele quis dizer e apontar com os termos em questão, sem fazer, contudo, uma conceituação do seu pensamento, como o próprio autor tencionava em seus escritos.

Palavras-chave:

Linguagem; técnica; quadratura; coisalidade.

THE THINGNESS OF THE THING AND THE FOURFOLD IN MARTIN HEIDEGGER

Abstract:

This article seeks to study in detail the concepts of fourfold and thingness in the way of thinking of Martin Heidegger. When he mentions the terms in their lectures pronounced from 1950, Heidegger does not make clear what he meant, doesn't conceptualizes the terms in definitive form, content to meditate about it, indicating or pointing your occurrence. So our intent is to think with the author about the thingness of the thing and the event of the fourfold, looking for such meditation and indication proposed by Heidegger, in order to gain a broader understanding of what he meant and pointed with the terms in question, without, however, make a conceptualization of his thought, as the author himself intended in his writings.

Keywords:

Language; technique; fourfold; thingness.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Introdução

Pensar a quadratura e a “coisalidade da coisa” apontadas por Heidegger não é tarefa das mais simples. Pelo contrário, o caminho vai se tornando cada vez mais íngreme à medida que percebemos, enquanto adentramo-nos nas trilhas da floresta heideggeriana, que não temos mapas claros que apontem para o ponto de chegada da nossa viagem. Na verdade, não há um ponto de chegada definido para tal empreitada. Assim, o que buscamos aqui não é uma sintetização ou conceituação do que Heidegger indicou com os termos referidos, mas, antes, uma tentativa de caminhar pelo pensamento de Heidegger, considerando, para tanto, que “o real não está nem na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2005, p. 80).

Nos diversos apontamentos que Heidegger fez dos termos em suas conferências pronunciadas a partir dos anos de 1950, a saber, em *A coisa e Construir, Habitar, Pensar*, ambas reunidas no livro *Ensaio e Conferências*, não fica patente uma conceituação precisa do que ele queria dizer. Assim, nossa intenção é pensar com o autor acerca da coisalidade da coisa e sobre o acontecimento da quadratura, sem definir objetivamente os mesmos, mas, antes, apontá-los e meditar a respeito, buscando uma compreensão mais ampla do que Heidegger queria dizer, sem fazer, para isso, uma conceituação do seu pensamento que o defina de forma peremptória, no sentido de respeitar a forma como o próprio autor pensou o tema.

Tais apontamentos só são possíveis quando no expomos à questão da linguagem trabalhada no caminho de pensamento de Heidegger. Para ele, a linguagem é o fundamento da existência e essa só se abre ao homem na linguagem. É a partir dela que somos enquanto possibilidade de ser e onde a realidade se constitui e se temporaliza. O nosso modo de ser existencial, onde o homem erige sua existência e sua história, o ser-áí, só se dá na linguagem. Na *Carta Sobre o humanismo*, famosa carta escrita a Jean Beaufret em 1946 e reelaborada para edição no ano seguinte, Heidegger afirma que: “A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias. Sua vigília é con-sumar a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conservam na linguagem”. (HEIDEGGER. 1967, p. 24-25). Pensando sua essência como o lugar que guarda a “Verdade do Ser” (1967, p. 33) a

linguagem é a abertura existencial onde o homem, esse ente privilegiado, se constitui. O homem é um ente que *é* e testemunha o que ele mesmo é, podendo, dessa forma, tematizar sua existência se apropriando ontologicamente da mesma. Destarte, ele pode se apropriar da cadência da linguagem ou se dispersar na decadência que conduz ao falatório.

A questão que se coloca na era da técnica e de seu conseqüente desvelamento do ente a partir de sua disponibilidade – a partir do binômio sujeito/objeto –, visa uma tentativa de saída desse modo técnico de se pensar a linguagem – e também o pensamento, o mundo, o homem – que a dispõe como objeto a ser analisado e dissecado por uma linguística ou uma gramática, colocando-a no caminho reto e seguro da ciência e de seu “método”, coisa que a filosofia é tentada a fazer para garantir sua verdade e importância frente a essa época técnica. É tentando superar essa tendência tecnicista da nossa abertura epocal rumo a um pertencimento à linguagem em sua cadência que buscaremos pensar a coisalidade da coisa, apontada por Heidegger, para, posteriormente, indicarmos o acontecimento da quadratura, que reúne e resguarda terra e céu, divino e mortal numa conjuntura unificante e originária.

I

A técnica encurta e acaba cada vez mais com o distanciamento e afastamento das coisas no espaço, entre os habitantes de toda parte do mundo, entre o homem e todo o conhecimento produzido do polo norte ao sul. Pela internet temos acesso em tempo real a uma hecatombe nuclear na Ásia ou a cerimônia de casamento da família real inglesa. Podemos ver e conversar com um amigo que esteja na Austrália usando o Skype, ao mesmo tempo que vemos no Facebook as fotos do último show da turnê do Bob Dylan. Mas, ao contrário do que pode parecer em uma primeira olhadela para as facilidades da tecnologia atual, essa supressão precipitada da distância não traz necessariamente proximidade mas, antes e mormente, escancara a superficialidade com que o homem contemporâneo interage com as coisas, com os outros homens, com o conhecimento.

É pensando por esse caminho que, na conferência intitulada *A coisa*, Heidegger diz que “Tudo está sendo recolhido à monotonia e uniformidade do que não tem distância”, continuando logo a frente: “[...] apesar da superação de todo distanciamento

e de qualquer afastamento, a proximidade dos seres está ausente” (HEIDEGGER, 2010, p.144). É por essa supressão apressada de todo distanciamento – *modus operandi* da tecnologia atual –, onde nos esquecemos de conservar a distância própria de cada coisa em nome de uma proximidade indiscriminada, que tudo se encontra igualmente distante e próximo do homem. A despeito da pretensa superação do distanciamento que marca nossa época tecnológica, a proximidade que ela promove entre os seres é uma proximidade-ausente, onde tudo se funde numa uniformidade do igual, do que não tem distância – uma igualdade indiferenciada que solapa as partes em nome de um “uno”, sem considerar que a harmonia da unidade deve vir da diferença entre os opostos: “Não compreendem, como concorda o que de si difere: harmonia de movimentos contrários, como do arco e da lira” (HERÁCLITO, 1991, p. 71).

Assim, esquecemos de pensar a proximidade (pois o que está evidente se encobre) e sempre a tomamos, simples e imediatamente, como aquilo que está próximo a nós, de forma simplesmente dada. É nesse mesmo sentido que também nos esquecemos, até hoje, de pensar a coisa como coisa, de demorarmos no pensamento de seu elemento: “De há muito, o homem lida e continua sempre a lidar com as coisas, sem, no entanto, pensar, uma vez sequer, a coisa, como coisa! Até hoje, o homem não pensou a coisa, em seu modo de ser coisa” (HEIDEGGER, 2010, p. 144).

II

Heidegger vai buscar na antiga língua alemã o significado originário da palavra “*thing*”, coisa, que diz, *Reunião Integradora*. Não pensamos aqui coisas como simples objetos. A ciência e seu “método” (constrangendo a coisa que investiga) não alcançam o ser coisa da coisa, seu vigor como reunião integradora. O homem nunca tomou a coisa em seu modo de ser coisa, nunca deixou a coisa se mostrar como tal, pois nunca co-existiu com ela. Antes, sempre se portou como sujeito que é senhor dum objeto – a coisa. O homem, quase sempre, ou apreende as coisas a sua volta dessa forma moderna, a partir da oposição sujeito/objeto, ou pensando a finalidade (*telos*) com que foi produzida uma coisa como o ser coisa dessa coisa. Mas as coisas não são coisas pela sua produção, como queria Aristóteles, como tampouco estão à espera de um sujeito que as

inquirir e as conceitue metodologicamente, como poderia propor Kant, pois a finalidade dum subsistente não aponta, necessariamente, para sua coisalidade.

Na verdade, porém, pensamos o ser e estar em si pela produção e a partir dela. Pois a subsistência é a meta a que visa a produção. Neste sentido, pensa-se a subsistência, ainda e apesar de tudo, pela objetividade, embora o opor-se e contrapor-se do objeto produzido já não se baseie numa simples representação. De fato, da objetividade do objeto e da subsistência em si, nenhum caminho leva ao modo próprio de ser coisa da coisa, a coisalidade (HEIDEGGER, 2010, p. 145).

A partir da leitura de tal excerto do texto, o que é proposto é que a subsistência ou a objetividade não conduzem à coisalidade da coisa. A produção de uma coisa propicia a ela uma inserção num campo de possibilidade de ser propriamente do seu modo, mas não garante a ela ser de seu modo próprio, já que este não é o modo da produção. Para coisificar, a coisa precisa de algo mais, precisa recolher e distribuir se apropriando do que é próprio a ela, conservando uma justa medida nesse recolhimento. Ela precisa da vigília dos mortais para ser-coisa. Pois são os mortais que demoram nas coisas, podendo, então, proporcionar e participar do acontecimento onde vigora a coisa em seu pleno ser-coisa. É a partir dessa vigília, que a coisa, como coisa, *coisifica*, no sentido primevo de reunir integrando.

Mas como é que a coisa vige e vigora? A coisa coisifica, no sentido de, como coisa, reunir e conjugar, numa unidade, as diferenças. A coisa, como coisa, reúne e conjuga. Este coisificar não faz senão recolher. Na apropriação da quadratura, em sua propriedade, a coisificação ajunta-lhe a passagem por cada momento de duração: nesta e naquela coisa (HEIDEGGER, 2010, p. 151).

A coisalidade da coisa procura apontar para as coisas elas mesmas, tomando-as como coisas, aos entes eles mesmos, tomando-os como entes. Isso a ciência, a despeito de seu saber objetivo e rigoroso, não pode nos fornecer, pois “Se a ciência concebe a coisa, por exemplo, a jarra cheia de vinho, como objeto, então ela reduz todo o experimentável ao quantitativo e ao mensurável e aprecia nesta abstração metódica a coisa na sua primordialidade” (PÖGGELER, s/d, p. 228). Logo, para experimentarmos a coisa como coisa, em sua propriedade, não podemos aplicar categorias arbitrárias a ela. É preciso considerar a coisa em seu modo próprio de ser coisa.

Pensemos o exemplo da jarra que Heidegger nos mostra, já contido na citação de Otto Pöggeler. Heidegger fala da coisa-jarra, o ser-jarra da jarra. A jarra pode ser tomada, de início, como um subsistente, como um utilizável ou como um receptáculo.

Ela tanto é uma coisa meramente existente, simplesmente dada, como também está para nós disponível ao uso, ao alcance da mão, como receptáculo. É no vazar da jarra que vigora o recipiente do receptáculo. Ele contém o que nela é depositado, o conserva, como receptáculo que é, e derrama quando é preciso derramar. Receber é o modo de um recipiente vigorar em si e por si mesmo. O receber da jarra acolhe e retém enquanto se enche de vinho ou de água. Essa dupla recepção do vazio na jarra promove uma reunião integradora que constitui e faz vigorar a doação da vaza, propiciando a vigência do céu e da terra.

Quando a jarra verte água, perdura então a fonte; na rocha que a guarda, na chuva filtrada pela terra ao cair do céu e depositada nos confins da terra – a fonte é terra e céu. Na sua água, os mortais saciam sua sede e consagram seus filhos aos deuses pelo ritual do batismo. Quando verte vinho, a jarra recolhe e deixa-vazar a força da terra e o sol do céu que fazem a uva frutificar. Com o vinho, a jarra oferece a embriaguez aos mortais, congraçando suas vidas sobre esta terra, abaixo do céu, e é poção sagrada e oferenda aos deuses. Dessa forma, e considerando que vazar significa oferecer, sacrificar, doar, conforme diz Heidegger, na doação da vaza na jarra vigora a simplicidade da quadratura: “O jarro reúne terra e céu, o divino e o mortal. Assim é ele ‘coisa’: ele produz ‘mundo’ como a quadratura da terra, céu, divino e mortal, ao deter a quadratura na sua respectividade e assim levar os quatro até ao seu próprio” (PÖGGELER, s/d, p. 229).

A vigência da jarra reside num morar e deixar morar a simplicidade da quadratura na doação da vaza, por isso a coisa-jarra: uma reunião que integra, acolhe e propicia a quadratura. A coisa reúne e conserva a simplicidade dos quatro, tornando-os o mesmo enquanto um vigorar das suas diferenças ao mesmo tempo em que as integra numa unidade. Pöggeler diz que, a partir do momento que a coisa reúne e produz mundo, isso nos condiciona, nós que somos mortais:

Se a coisa reúne mundo, então isso diz-nos respeito: isso condiciona-nos. Nós, humanos, não somos aqueles que dispomos sobre o ente e somente o usamos e desgastamos; nós somos, pelo contrário, chamados para o jogo do mundo pela coisa que detém o mundo. [...] Como mortais, nós somos integrados no jogo do mundo, a partir do qual acontece o ‘coisificar’, o reunir da coisa. O reunir da coisa é o aproximar do mundo, que cada um traz no seu próprio [...] (PÖGGELER, s/d, p. 229-230).

Já insistimos no tecnicismo em que vivemos e que marca a nossa abertura epocal. Destarte, no seio desse mundo técnico, haverá ainda espaço para pensar a coisa

como a simplicidade da quadratura entre terra e céu, divino e mortal? Como pensar o mundo como acontecimento da quadratura se, antes e atualmente, sempre o tomamos a partir de sua disponibilidade encomendável (Cf.: PÖGGELER, s/d, p. 231) de energia que, por sua vez, tem o papel único de continuar a fazer rodar a roda morta da ciência? Será ainda possível olhar para o rio sem enxergar uma hidrelétrica, ou olhar para o sol sem imaginar uma placa de energia solar, ou pensar o homem sem conceber seu corpo como uma máquina viva, ou crer nos deuses sem se lembrar da fortuna financeira que um proselitismo religioso crasso pode nos trazer?

São essas querelas todas que levam o homem a usurar a terra que o abriga. É por pensar sempre o mundo e a natureza a sua volta como uma encomenda disponível a seu bel prazer, que se instalou a crise habitacional que hoje assola a forma do homem habitar esta terra. O que aqui se pensa não é uma crise da falta de moradias, de um déficit de casas que poderia se resolver com políticas habitacionais locais. Nossa indicação aponta sobremaneira para uma crise do modo de ser do homem nessa terra, que é um modo habitante. Trata-se, portanto, de uma crise existencial, à medida que ela advém de um esquecimento originário do homem no que diz respeito a *como* habitar este mundo. Pois o homem se esqueceu que o “Mundo (no sentido autêntico desta palavra) é, pelo contrário, a salvaguarda da essência do ser, a estrutura de construção do desocultamento e, assim, a proteção do ente como ‘coisa’” (PÖGGELER, s/d, p. 233).

A partir do já exposto, podemos buscar “sintetizar” o coisificar da coisa pensando-o como um reunir que conjuga as diferenças, preservando-as como diferenças e guardando a distância própria entre elas, enquanto se busca uma unidade que respeita a aproximação, sem reduzi-la a uma unidade indiferenciada, mas como o *mesmo*¹ que reúne e preserva terra e céu, mortal e imortal, cada um na sua distância. É assim que o coisificar, enquanto integra os mortais com o mundo, pois os mortais são os que demoram sobre as coisas, pode levar a quadratura a perdurar.

A coisa leva a quadratura a perdurar. A coisa coisifica mundo, no sentido de concentrar, numa simplicidade dinâmica, as diferenças. Cada coisa leva a perdurar a quadratura em cada duração da simplicidade de mundo. Pensar a coisa, como coisa, significa deixar a coisa vigorar e acontecer em sua coisificação, a partir da mundanização de mundo (HEIDEGGER, 2010, p.158).

¹ “O mesmo reúne integrando a diferença numa unicidade originária”. Cf. Heidegger, *Ensaio e Conferências*, 2010, p.170.

A mundanização de mundo que Heidegger propõe não aponta para o “mundo” enquanto ente natural, como o planeta que gira em torno do Sol e abriga os humanos, simplesmente. Tampouco temos uma proposição exata de como pensar o mundo enquanto quadratura. Mundo se dá e está sempre se dando, num jogo de espelho e reflexo das partes da quadratura, que se reúnem numa simplicidade, por esse reflexo mútuo. Nesse jogo de espelho, um nó flexível amarra o quarteto (terra, céu, mortais, imortais) sem torná-lo imóvel, mas ajustando cada parte a sua vigência própria que unifica-se num todo unificante. Por isso “Dá-se o nome de mundo a este jogo em espelho, onde se apropria a simplicidade de terra e céu, de mortais e imortais. Mundo é mundo, no vigor que instaura mundo, que, portanto, mundaniza” (HEIDEGGER, 2010, p. 157) – como a coisa coisifica, como o nada nadifica.

Assim como na discussão acerca da coisalidade da coisa, não se pode explicar o mundanizar, não se pode objetivar e tornar discurso conceitual essa reunião que é mundo, pois assim solapa-se a simplicidade conjugada da quadratura, já que “O querer explicar do homem não alcança a unidade simples da singularidade unitária do mundanizar” (HEIDEGGER, 2010, p. 157). Tal indicação mostra que o homem não tem o domínio sobre o acontecimento de mundo, como a ciência e suas explicações apodíticas e necessárias tentam a todo momento fazer com a natureza e com tudo o que circunda a vida do homem. Mundo se apresenta como um espaço de transcendência, um espaço onde há a possibilidade do homem estar constantemente se lançando e se ultrapassando, sendo-aí no mundo como ser-no-mundo que ele é, como, por exemplo, nos conta *Riobaldo*²: “O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior.” (ROSA, 2005, p. 39).

É no mundo enquanto abertura e possibilidade, um mundo que nunca está pronto mas, sim, sempre a caminho, que o homem se projeta e se destina assumindo ou declinando da responsabilidade de assumir a *sua* própria história. O mundanizar do mundo não é nada de fixo, estável e conhecido a priori, mas mundo se mundaniza e vigora em uma dinâmica de mostrar-se e ocultar-se, a mesma dinâmica de velamento e

² Personagem principal e narrador de *Grande Sertão: Veredas*, obra magna de João Guimarães Rosa – e, sem dúvidas, das maiores da literatura de língua portuguesa –, Riobaldo é um jagunço aposentado, que conta a um senhor viajante as venturas e desventuras das Minas Gerais que ele percorria quando *jagunçava*.

desvelamento apontada por Heráclito em seu aforismo 123 e pensada exaustivamente por Heidegger: “Surgimento já tende ao encobrimento” (1991, p. 91). É por isso que a vigência de mundo não comporta uma explicação que seja explanadora, mas apenas um aceno, uma aproximação que conserva ainda a simplicidade no dito, sem acabar com a vigência essencial que mundaniza mundo. E somente quando mundo se mundaniza, como mundo, que o nó que aperta e reúne, de forma flexível, terra e céu, mortais e imortais pode ser conquistado pelo pensamento a partir da simplicidade dos quatro. Esse é o caminho para se pensar o desvelamento de mundo como quadratura.

III

O que seria, então, a quadratura indicada por Heidegger? Como se dá seu acontecimento? Habitar esta terra, este mundo – deixando mundo acontecer e aparecer em seu pleno mundanizar, tomando-o como mundo –, é permanecer em um pertencimento que conserva uma justa medida na aproximação e conjunção entre mortal, divino, terra e céu. Assim como mundo acontece como quadratura, enquanto habitando o homem é na quadratura. Ele a resguarda na medida em que conserva cada coisa em sua essência própria: sendo mortal, sobre a terra, sob o céu e diante dos deuses, ele propicia o acontecimento que reúne os quatro (mortal, divino, terra e céu) numa conjuntura que conduz à simplicidade da quadratura. Pensemos melhor as partes da quadratura, segundo Heidegger.

A terra “é o sustentáculo da construção, a fecundidade na aproximação, estimulando o conjunto das águas e dos minerais, da vegetação e da fauna” (HEIDEGGER, 2010, p. 155) – a terra é o que resguarda e protege o mundo. O céu “é o caminho do sol, o curso da lua, o brilho das constelações, as estações do ano, luz e claridade do dia, a escuridão e densidade da noite, o favor e as intempéries do clima, a procissão de nuvens e a profundidade azul do éter” (2010, p. 155) – o céu corresponde ao movimento e transformação do mundo. Os imortais (os divinos) “são os acenos dos mensageiros da divindade. É, na regência encoberta da divindade, que Deus aparece, em sua vigência essencial, que o retira de qualquer comparação com o que é e está sendo” (2010, p. 156) – os deuses mostram o extraordinário do mundo. Os mortais são os homens. “São assim chamados porque podem morrer. Morrer significa: saber a morte,

como morte. [...] Os homens são mortais antes de findar sua vida. Os mortais são mortais, por serem e vingarem, no resguardo do ser. São a referência vigente ao ser, como ser” (2010, p. 156) – os homens são os que existem no mundo.

Heidegger diz, depois da indicação de suas partes constituintes, na conferência *A coisa*, que a quadratura se unifica por si mesma a partir da simplicidade dos quatro, em um enlace livre entre as partes que as amarra em um mútuo e constante espelhar-se, a partir de um jogo de espelho e reflexo que acontece na mundanização de mundo (Cf.: HEIDEGGER, 2010, p. 157). Dessa forma, as partes da quadratura não *são* em separado umas das outras, mas somente quando são pensadas como conjuntura e simplicidade dos quatro. A *coisa* quadratura precisa reunir e integrar para ser e perdurar.

Unindo-se por si mesmo uns com os outros, céu e terra, mortais e imortais pertencem, em conjunto, à simplicidade da quadratura de reunião. A seu modo, cada um dos quatro reflete e espelha de volta a vigência essencial dos outros. [...] Este refletir e espelhar não é e nem consiste em expor o reflexo de uma reprodução. Iluminando cada um dos quatro, o refletir e espelhar lhes apropria a própria vigência, na apropriação de uma unidade recíproca (HEIDEGGER, 2010, p. 156-157).

É claro que terra é terra, céu é céu, mortais e divinos são mortais e são divinos. Mas não há terra sem um céu que lhe banhe de chuvas e ventos, adubando-a e preparando-a, juntamente com os movimentos das estações, para a geração vegetal e a continuidade da vida animal; não há mortais sem uma terra que os acolha, material e existencialmente, enquanto morada e provisão de alimentos; e os acenos do divino só podem ser ouvidos pelos mortais, pois só eles se abrem à linguagem e escutam o seu apelo. Dessa forma, “nenhum dos quatro insiste numa individualidade separada. Ao contrário. Cada um dos quatro se deixa levar, dentro de sua apropriação, para o que lhe é próprio. Esta apropriação apropriadora é o jogo de espelho e reflexo da quadratura”. (HEIDEGGER, 2010, p.157). O acontecimento da quadratura só se dá e vigora nesse resguardo da simplicidade dos quatro como conjuntura, onde as partes se refletem e se espelham em direção a uma reciprocidade apropriadora. Tal acontecimento vai na mesma direção heraclitiana de velamento e desvelamento, respeitando o elemento próprio de cada parte, ao mesmo tempo que conduz esse próprio singular para a conjunção da conjuntura, como reunião integradora do diverso, que permite e propicia a vigência da quadratura. Esse jogo de espelho é o acontecer de mundo, e este, como lugar onde se erige o acontecer da estrutura de desvelamento do ser, é o lugar próprio do acontecimento da quadratura.

Otto Pöggeler, ao pensar o mundo como quadratura e como o que rege como desvelamento, diz que o “desvelamento orienta-se como o destino do espaço-de-ação-do-tempo para a junção do mundo ao estabelecer-se na quadratura de terra e céu, divino e mortal” (s/d, p. 240). O mundo como quadratura – assim como o mundanizar do mundo – não pode ser explicado externamente ou objetivamente, ou ainda por alguma de suas partes constituintes como se houvesse uma primordialidade de uma com relação às outras, pois o jogo que chamamos mundo é o lugar onde se “afunda qualquer fundamentação” (s/d, p. 240). Ele rege como um jogo de espelho onde os quatro refletem suas essências, conservando-as e espelhando o próprio de cada uma delas. Assim, mundo nunca é em-si ou para-algo, mas o acontecer da abertura de possibilidades de ser-no-mundo.

Dessa forma, o acontecer do mundo, seu desvelamento, não deve ser pensado com fins teleológicos, pois não se trata de superar a ocultação para, então, desvelá-la. É por isso que Heidegger chama de destino esse acontecer onde vigora o velar-se e o desvelar-se de forma indissociável. Tal desvelamento acontece na temporalidade (o tempo não como ente, não o “tempo do relógio”) – temporalidade como a simultaneidade de passado-presente-futuro, que rompe com a ideia de ultrapassagem-constante do antes para o depois, para pensar a eternidade do acontecimento da temporalidade. O espaço-de-ação-do-tempo como a temporalidade experimentada de forma simultânea (passado, presente, futuro), junto ao espaço como o lugar de instalação (Cf.: PÖGGELER, s/d, p. 239) – saindo, dessa forma, de uma noção moderna de espaço e tempo a priori – formam a clareira móbil para o desvelamento do mundo, pois espaço e tempo enquanto espaço-de-ação-do-tempo/temporalidade são “[...] tão inesgotáveis na essência como o próprio ser” (s/d, p. 240).

Assim, Pöggeler afirma que o desvelamento é o destino da temporalidade na conjuntura de mundo quando acontece na quadratura de terra e céu, divino e mortal. O mundo como o que rege como desvelamento “[...] traz até seu próprio aquilo que é como relação infinita de terra e céu, divino e mortal e, por conseguinte, como o acontecimento. Na experiência do mundo ocorre aquele recolhimento no próprio, no qual o próprio é *como* o próprio” (PÖGGELER, s/d, p. 241).

Se considerarmos o mundo como quadratura, onde vigora o acontecer do desvelamento do ente no homem, podemos pensar no homem também como parte do

acontecimento da quadratura. E como isso seria possível? Pela via da linguagem. A linguagem, pensada ao longo de todo o texto como morada do ser e clareira que permite seu desvelamento, se apresenta, por isso, como o lugar ontológico que possibilita uma *habitação poética dessa terra*³, uma habitação que rompe com a forma puramente técnica de habitação concebida costumeiramente pelo homem e, por isso, pode permitir ou promover a conjuntura da quadratura. O ser pensado como desvelamento não pode mais ser perscrutado de forma lógica ou proposicional. É aí que o dizer da filosofia e da poesia precisam um do outro para serem, pois o pensamento atinge sua essência mais originária na vizinhança e proximidade do falar poético.

Não se trata de um dizer ilógico ou a-lógico, visto que ambos operam em oposição à lógica. Trata-se de um pensamento que se volta ao seu objeto mais próprio, que não *é*, mas *se dá*, e precisa para isso do movimento dinâmico de velamento/desvelamento. O silenciar entra aí se fazendo necessário ao que se dá e se esconde, que aparece e desaparece. Tal silenciar, respeitado e resguardado no dizer poético (que permite o velar-se do segredo enquanto desvelamento), se põe a caminho da linguagem. E se linguagem e pensamento operam na vizinhança com a poesia, e o ser acontece na linguagem, então o homem pode habitar poeticamente esta terra, acontecendo, ele também, como a quadratura de terra e céu, mortal e imortal.

Se o homem tem um modo de vida habitante, como pensam Hölderlin e Heidegger, enquanto habitando o homem é na quadratura. Ele a resguarda conservando cada coisa em sua essência: ele é mortal, está sobre a terra, sob o céu e diante dos deuses:

Salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que acontece propriamente um habitar. Acontece enquanto um resguardo de quatro faces da quadratura. Resguardar diz: abrigar a quadratura em seu vigor de essência (HEIDEGGER, 2010, p. 130).

Habitar é construir preservando nas coisas a quadratura, resguardando-a em quatro faces. Unindo-se uns com os outros, os quatro, preservando a distância e com a devida proximidade entre eles, deixando cada um com o que lhe é próprio, vigora a vigência essencial de cada parte da quadratura, de forma que as propriedades são

³ Para uma discussão mais extensa e específica de tal assunto, ver a conferência “... *poeticamente o homem habita...*”, publicada por Heidegger no livro *Ensaio e Conferências*.

conservadas ao mesmo tempo em que acontece uma aproximação dos quatro na simplicidade. A simplicidade dos quatro se dá na demora junto às coisas. É demorando junto a elas, tomando-as *como* coisas que a quadratura vigora nelas em sua essência.

Dessa forma, coisas construídas, mesmo produzidas com finalidades definidas, podem conduzir à simplicidade da quadratura se consideradas como coisas (que reúnem e integram) e não como simples objetos humanos. A coisa “ponte”, por exemplo, reúne integrando a quadratura a seu modo: ela está sobre a terra e permite a fluência do rio que passa sob suas colunas; está sob o céu e não interfere em seu curso de estações do ano, recebendo o brilho do sol e servindo de mirante para observarmos a lua; está junto dos mortais, servindo-lhes de caminho entre margens opostas, abrindo-lhes a passagem para o outro lado da terra que o rio corta; e está diante dos deuses quando é batizada com nomes santos ou quando traz em suas colunas e umbrais imagens divinas.

O homem é o que habita, demorando na quadratura, junto às coisas – “os mortais *são*, isso significa: *em habitando* têm sobre si espaços em razão da sua demora junto às coisas e aos lugares” (HEIDEGGER, 2010, p. 136). Não existe “o” espaço como algo externo e pronto, como matematização do real que o dispõe como uma extensão a ser preenchida, mas ele se abre a partir do habitar do homem. Segundo Heidegger, o lugar é o que acolhe a reunião integradora das coisas dando a elas *estância e circunstância* (2010, p. 133), propiciando a quadratura e delimitando o espaço. O construir pertence ao habitar à medida que instaura lugares que inauguram espaços onde o homem habita, *é*. A ponte é uma coisa construída que instaura um lugar e estancia um espaço por guardar e conservar a quadratura junto às coisas. O lugar abriga a quadratura deixando-a ser e/ou edificando-a como um duplo dar espaço, por acolher, numa circunstância, a simplicidade dos quatro. “As coisas são lugares que propiciam espaços. Construir é edificar lugares. Por isso, construir é um fundar e articular espaços” (HEIDEGGER, 2010, p. 137).

Para habitar poeticamente esta terra, o homem deve se colocar em uma relação de co-respondência e co-existência com a mesma, uma relação onde nem homem nem terra existam por si só, mas onde ambos resguardem a quadratura a partir de seu elemento mais próprio, sua simplicidade, permitindo, ao mesmo tempo, a aproximação de suas partes e consentindo com o dar-se e esconder-se próprio de cada uma delas. E é

pela via da linguagem, tomando o homem como um *diálogo*⁴, onde a linguagem é quem define o seu ser, que o homem alcança esse pertencimento à terra, pois é a partir da linguagem que o seu ser-aí se constitui e acontece como desvelamento. Seguindo a indicação de Pöggeler, se experimentarmos a linguagem como lenda (o lugar mostrador e propiciante do acontecimento do desvelamento), então podemos pensá-la como a “casa do ser”. Ela pode, dessa forma, ser pensada como a lenda que mostra a clareira na qual o ser acontece e se dá, presente e ausente, no próprio da sua essência, que é o movimento dinâmico velante/desvelante e que, assim, deixa o homem experimentar a sua essência sem convertê-la em um fundamento, sem que ela tenha de estar-presente-constantemente, mas onde ela vigore e aconteça, mostrando-se e ocultando-se.

V

Nossos apontamentos no presente texto buscaram caminhar pelo pensamento heideggeriano acerca da linguagem, com o foco específico na discussão acerca da coisalidade da coisa e da quadratura. Para tal, tentamos conservar a sua dinâmica própria de dar-se e esconder-se, pois, como fundamento da existência, a linguagem está sempre se dando e vigorando, e nunca se apresenta como um ente de essência determinada e acabada. Pelo contrário, ela se constitui existencialmente jogada no espaço-temporal do acontecimento do desvelamento. Assim, ela é sempre uma abertura de possibilidades existenciais, e por isso, dizer que a linguagem, a coisa, ou a quadratura *são* já se trata de uma imprecisão. O ser, a linguagem ou o mundo como quadratura, não *são*, pois o que é (o que guarda uma quiddidade) são os entes, e não falamos aqui simplesmente de alguns entes entre outros entes. Por isso, Heidegger vai falar que eles *desdobram-se, regem, vigoram*, ao invés de serem.

É importante considerarmos isso, pois nosso texto não se propõe a definir o que Heidegger entendeu e indicou quando falou da linguagem, da coisa, do mundo ou da quadratura. Nossa intenção era a de caminhar pelo pensamento do autor, pensando conjuntamente com ele, para ganharmos uma compreensão mais apurada de suas meditações em torno dos temas citados, pensando o coisificar da coisa, que reúne e integra as partes da quadratura em uma conjuntura que propicia o acontecimento da

⁴ Cf. HEIDEGGER, 2004, p. 70 e segs.

mesma (pensando, com base no coisificar, o mundanizar do mundo, que é o lugar de acontecimento da quadratura), que permite indicar o acontecimento da quadratura no desvelamento do mundo.

Nossa proposta pouco “propositiva” respeita e resguarda a forma que Heidegger pensa, principalmente a partir de seus escritos da década de 1940, como na *Carta sobre o humanismo* e nas conferências usadas no presente texto, onde os temas não são tratados de forma lógica e conceitual, mas sim, de forma poética e existencial, quase intuitiva, tomando a linguagem de forma não-objetivante⁵ e, assim, não se apresentando como uma determinação fechada e objetiva que defina e exponha claramente o que é dito.

Referências Bibliográficas

DUARTE, André. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. Publicado em *Natureza Humana*, Unicamp/SP, v. 7, nº 1, p. 129-158, jan/jun 2005.

HEIDEGGER, Martin. “... poeticamente o homem habita...”, in *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. A coisa, in *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Construir, habitar, pensar, in *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Hinos de Hölderlin. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____. Sobre o humanismo. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HERÁCLITO. Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991.

LOPARIC, Z. A linguagem objetificante de Kant e a linguagem não-objetificante de Heidegger, in *Natureza humana*, São Paulo, v. 6, n. 1, Págs. 9-27, jan/jun 2004.

⁵ Cf. indica Zeljko Loparic no artigo “A linguagem objetificante de Kant e a linguagem não-objetificante de Heidegger” ou, por outro caminho, André Duarte no artigo “Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro”.

PÖGELLER, Otto. A via do pensamento de Martin Heidegger. Trad. Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.